

A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO BASE NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESPANHOLA PARA ALUNOS SURDOS

Ewerton Antônio Costa de Souza¹

Carlos Dyego Batista da Silva (UFPA)²

Giselle Pedreira de Mello Carvalho³

RESUMO

O presente trabalho discorre sobre a educação de alunos surdos no ensino médio, dando ênfase ao processo de ensino e aprendizagem da língua espanhola em sua modalidade escrita, como língua adicional e estrangeira para este aluno. São apresentados alguns conceitos discutidos nos estudos da área da surdez e no processo de educação do surdo como: exclusão, segregação, integração e inclusão. Além de uma breve apresentação das três correntes filosóficas que se mostram presentes na educação de surdos: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo. Este trabalho foi desenvolvido a partir da metodologia exploratória de caráter bibliográfico, com levantamento de textos sobre a educação de surdos e o ensino de uma língua estrangeira para estes indivíduos, do qual foi pensada e elaborada uma proposta simples e prática de ensino e aprendizagem do espanhol como língua adicional para este, a partir do bilinguismo, que reconhece a subjetividade da cultura surda e de sua língua de sinais, permitindo o desenvolvimento integral da cognição deste aluno no que se refere ao aprendizado de uma língua adicional. Nesta proposta, utilizamo-nos de recursos visuais, como imagens acompanhadas de palavras em espanhol, que facilita o processo e também a sistematização de cores para o ensino de diferentes classes gramaticais. A proposta se encaixa na modalidade viso-espacial do aluno surdo e possibilita um aprendizado da língua espanhola com menos dificuldade.

Palavras-chave: **Ensino Aprendizagem. Língua Espanhola. Libras. Alunos Surdos.**

Didática

¹ Discente do Curso de Letras Lic. em Libras e Língua Portuguesa do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará, e-mail: ewerton_costa93@hotmail.com.

² Graduado em Espanhol pela Universidade Federal do Pará – Campus Castanhal; E-mail: cdyeggo13@gmail.com

³ Docente Especialista do Curso de Letras Libras do Instituto de Letras e Comunicação da Universidade Federal do Pará e orientadora deste trabalho. e-mail: giselle_pedreira@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

O processo de ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira é desafiador para quem a ensina e para quem a estuda, visto que se faz necessário que o professor conheça as particularidades dos alunos, assim como domine algumas habilidades teórico-metodológicas, para que o processo alcance resultados satisfatórios. No contexto do ensino aprendizagem da língua espanhola, este desafio é reforçado por crenças fundamentadas na ideia de facilidade do idioma, por este ser “parecido” com a língua portuguesa. É então que ocorrem equívocos, os falsos cognatos, por exemplo, que se não forem adequadamente corrigidos durante o processo de aquisição da língua meta, poderão chegar ao ponto que os linguistas denominam de fossilização, que em linhas gerais caracteriza-se por um erro recorrente que não é devidamente corrigido, passando a tornar-se comum na interlíngua, uma língua instável e fragmentada que vai evoluindo no processo de aprendizagem de um novo idioma, é a interseção entre a Língua Primeira e a língua em aprendizado do aluno.

O Brasil é um país bilíngue, onde a língua portuguesa é a primeira língua (doravante L1) e a língua de sinais brasileira – de agora em diante Libras, a segunda; reconhecida, porém, como língua primeira do surdo através da lei de nº 10.436 de 22 de abril de 2002, promulgada pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. No entanto, apenas uma pequena parcela da população brasileira é conhecedora deste fato, o que pode argumentar o contínuo (pré)conceito sobre a pessoa e cultura surda, inclusive pela esfera educacional, o que exclui ou dificulta o acesso do surdo aos processos de educação, interação e garantia de direitos (GESSER, 2016).

No que diz respeito à educação, não são todos os docentes que conhecem as leis que reconhecem e reforçam a Libras como segunda língua oficial do Brasil, o que acaba por dificultar o acesso da pessoa surda ao sistema educacional, pois não ocorre uma verdadeira inclusão, como é proposto na lei supracitada.

Quando falamos em educação inclusiva, o ideal não é fazer que o sujeito com deficiência se adapte à escola, mas que a instituição de ensino possa se transformar e possibilitar a inclusão deste sujeito (PINA, 2013). Este autor aborda a temática da inclusão do aluno surdo na aula de língua espanhola, onde demonstra as dificuldades de inserção deste nas classes regulares, tendo em vista a falta de intérpretes, o não conhecimento da Libras pelos docentes, colegas de classe e funcionários da escola e, até mesmo a rejeição da língua de sinais do aluno surdo, o que não traz nenhum atrativo para essas aulas, pelo contrário, as deixam menos interessantes.

As ideias sobre a educação de surdos surgiram por volta do século XVI, segundo Dorziat (1997, p. 13) “apesar das diferentes opiniões que dividem e subdividem as metodologias específicas ao ensino de surdos, em termos de pressupostos básicos, existem três grandes correntes filosóficas: a do Oralismo, da Comunicação Total e Bilinguismo”. Acerca da primeira corrente filosófica, Pereira (2012, p. 9) afirma que “o oralismo defende que a comunicação com e pelos surdos se dê exclusivamente pela fala, tendo os sinais e o alfabeto manual proibidos”, rejeitando assim, a língua de sinais como forma natural de comunicação da pessoa surda, postergando-a a uma categoria de gestos e mímicas que são compreendidos apenas pelos surdos, não reconhecendo as identidades e culturas surdas.

A segunda corrente filosófica, conhecida como Comunicação Total, possui uma abordagem que contempla a interação por meio de sinais e também pela oralidade, pois “a Comunicação Total defende que os surdos tenham acesso à linguagem oral por meio da leitura orofacial, da amplificação dos sinais e do alfabeto manual e que se expressem por meio da fala, dos sinais e do alfabeto manual” (PEREIRA, 2012, p. 11). Esta corrente se mostrou ineficaz na educação de pessoas surdas, pois mescla a língua majoritária (oral) com a língua de sinais, que acabam interferindo uma na outra e não contemplando todos os aspectos linguísticos de ambas, que são necessários para o acionamento do dispositivo de aquisição da linguagem, que possibilitará um aprendizado e uso integral da língua.

A terceira corrente denominada Bilinguismo tem como principal proposta o ensino de duas línguas de maneira concomitante, onde as instituições de ensino são acessíveis nas duas línguas (QUADROS, 2008), na qual a primeira língua é a Libras, na qual será realizada a comunicação e a interação com todos os indivíduos da instituição e tem como segunda, a Língua Portuguesa, na modalidade escrita.

Frisamos que o domínio prévio destas duas línguas, tanto pelo professor quanto pelo aluno surdo, é requisito essencial para o ensino e aprendizagem da Língua Espanhola na modalidade escrita como Língua Adicional, tendo essa classificação, pois esse aluno surdo não está inserido em uma comunidade que possua a Língua Espanhola como língua nacional.

Neste sentido, o problema de investigação é representado pela seguinte questão:

- Como a metodologia de ensino denominada Bilinguismo pode atender as necessidades do aluno surdo com relação ao processo de ensino e aprendizagem da Língua Espanhola como Língua Adicional no Ensino Médio?

E nos são apresentadas a seguir, as perguntas norteadoras:

- Como organizar uma proposta de ensino bilíngue que atenda a especificidade do ensino e aprendizagem da Língua Espanhola, como Língua Adicional por alunos surdos do Ensino Médio?
- Quais atividades facilitariam este processo de Ensino e Aprendizagem?
- Por que o Bilinguismo facilitaria este processo?

Deste modo, temos como objetivo geral: apresentar a metodologia Bilinguismo e suas contribuições para o ensino aprendizagem do Espanhol como Língua Adicional para alunos surdos do Ensino Médio. E como objetivos específicos: i) identificar as estratégias que podem facilitar este processo de ensino de LA para alunos surdos e ii) propor uma didática de ensino bilíngue da Língua Espanhola como Língua Adicional para alunos surdos do Ensino Médio.

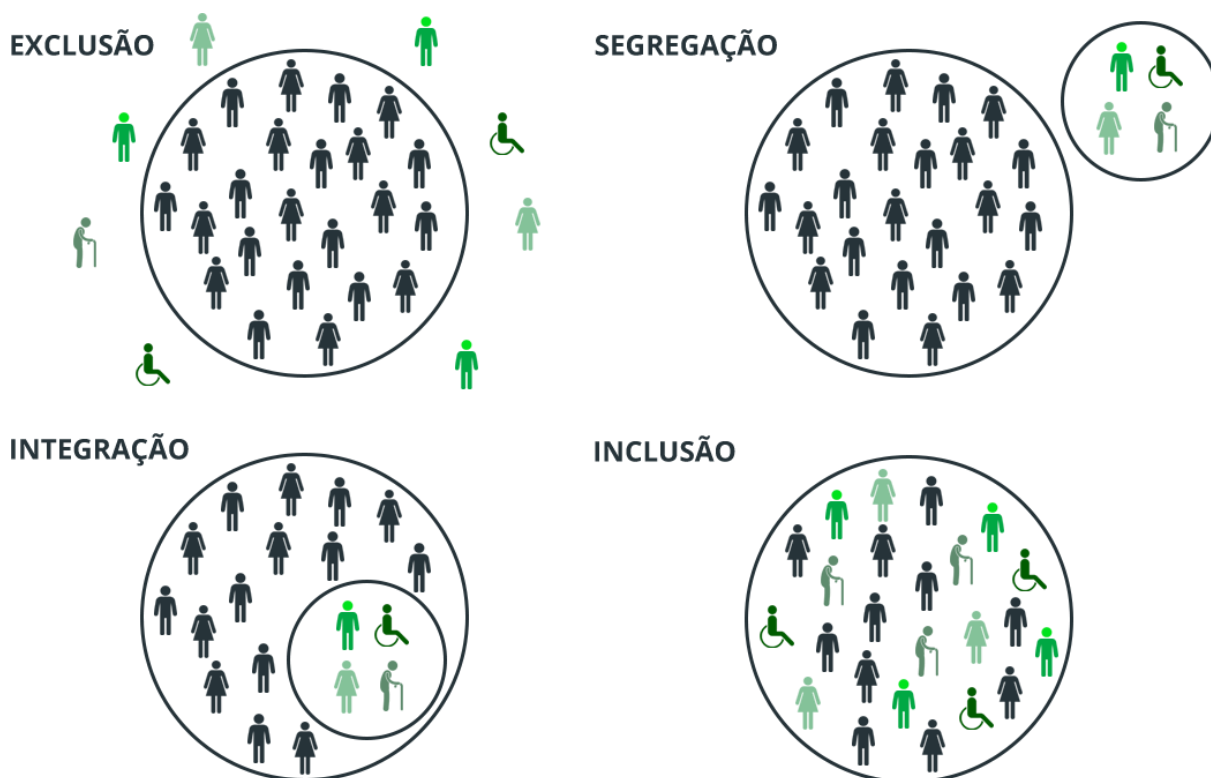
2 ESCOLAS INCLUSIVAS X INTEGRADORAS

A escola é uma instituição que prepara o indivíduo para atuar em sociedade, portanto deve acolher todo e qualquer tipo de sujeito, independentemente de etnia, cor, religião, orientação sexual, status socioeconômico, deficiência, etc. Partindo desta premissa, levantamos a seguinte questão: as escolas atuais conseguem acolher todo tipo de público, fazendo com que o direito básico de acesso à educação seja alcançado por tais indivíduos?

Sabe-se que as escolas não podem fazer seleção de seu corpo discente, pois segundo a Constituição Federal Brasileira de 1988, o acesso à educação deve estar ao alcance de todos, mas que a realidade diverge do que está promulgado, ou seja, algumas das escolas não possuem estrutura suficiente para receber alunos com deficiência, religião e orientação sexual diferentes da majoritária, o que acaba por tornar o ensino sectário (exclusivo) e parcial.

Com relação à participação do aluno surdo no ambiente escolar, temos a imagem 1, que apresenta as quatro categorias de acesso e vivências escolares deste aluno. São elas a exclusão, a segregação, a integração e a inclusão.

Imagem 1 – Diferença entre exclusão, segregação, integração e inclusão



FONTE: Livro "Inclusão: Construindo uma sociedade para todos", Romeu Sassaki, 2006.⁴

Apresentaremos a seguir uma breve conceptualização dos termos supracitados.

2.1 Exclusão

Deriva da palavra excluir, que em sua etimologia vem do termo latino *excludere*, que dentre os significados podemos encontrar rechaçar, recusar, deixar de lado. No que diz respeito à educação da pessoa com deficiência, a exclusão ocorre, por exemplo, quando uma instituição de ensino se nega a matricular estes alunos, ou seja, as pessoas sem deficiência não permitem a circulação de pessoas com deficiência em seu meio, muitas vezes por falta de conhecimento ou de estrutura, no caso das escolas.

Com relação à pessoa surda no ambiente educacional, percebemos a exclusão ao longo da história, onde durante muito tempo lhes foi negado o acesso a qualquer tipo de educação, por serem considerados seres sem capacidade cognitiva.

Quando consegui o acesso à educação, a pessoa surda não o teve em sua totalidade, pois lhes era ensinada obrigatoriamente a modalidade oral de uma língua, já que na Europa do Século XVI, os filhos de nobres que nasciam surdos só teriam o direito à herança caso

⁴ Disponível em: <<http://paralisados.com.br/social.html>>. Acesso em 17 de dezembro de 2017.

aprendessem a modalidade oral da língua, Honora e Frizanco (2009). Esta modalidade de ensino ocorria separado dos ouvintes, caracterizando-se como segregação.

2.2 Segregação

De etimologia latina, do termo *segregare*, que traz o significado de separar ou isolar do grupo. Segregação é, portanto, isolamento de determinados grupos com integrantes que apresentem características semelhantes, neste caso, deficientes e não deficientes, impossibilitando a interação entre estes.

Os surdos foram segregados por séculos, ou seja, foram isolados dos ouvintes em “escolas especiais” voltadas somente para surdos, fora do contexto de ensino dos ouvintes. Com o passar do tempo, houve mudanças de pensamento e adaptação de metodologias para a educação de surdos, que passaram a frequentar o mesmo espaço escolar que um aluno ouvinte, caracterizando-se como integração.

2.3 Integração

O termo integração deriva do latim *integrare*, que remete à ação de unir como um todo, indivíduos de diferentes grupos.

O processo de integração, neste caso, caracteriza-se pela incorporação de indivíduos com e sem deficiência em um mesmo espaço, como o escolar. Entretanto, percebemos que na imagem 1, o processo de interação não ocorre de maneira realmente absoluta, pois as pessoas com deficiência, mesmo que permanecendo no mesmo espaço com os não deficientes, se encontram isoladas com seus semelhantes.

E sabemos que muitas instituições escolares o fazem por não possuírem o conhecimento e a estrutura necessários para realizar a inclusão destes alunos, o que possibilitaria a interação de todos da escola com estes e desta forma, facilitaria o processo de educação destas pessoas.

2.4 Inclusão

De acordo com a sua etimologia, advinda do latim *includere*, inclusão remete ao ato de englobar diferentes grupos em um mesmo espaço, possibilitando a interação entre estes. Diferente da integração, como podemos notar na imagem 1, a inclusão permite a adição do sujeito com deficiência nos espaços educacionais sem que ocorra o isolamento destes grupos, permitindo a interação entre aluno surdo e ouvinte, por exemplo.

Para que ocorra a inclusão do aluno surdo em uma escola regular e aulas de língua espanhola no ensino médio, torna-se necessário a tomada de algumas medidas teórico-

pedagógicas como, por exemplo, o conhecimento da Libras pelos funcionários da escola e principalmente pelos professores destes alunos, assim como pelos colegas de classe, para que ocorra de fato, uma educação bilíngue, onde a língua portuguesa não ocupa unicamente lugar de destaque no processo interacional, em detrimento da Libras.

3 O BILINGUISMO NA EDUCAÇÃO DO ALUNO SURDO

A educação de surdos passou por várias mudanças ao longo da história, dentre as quais a maioria das metodologias não reconhecia a sua cultura e sua língua, o que acabava por não facilitar o seu desenvolvimento cognitivo, impedindo-o de interagir ativamente em sociedade.

Após longos períodos de não reconhecimento da comunidade surda e de sua cultura, chega-se através de estudos na área da surdez a uma proposta metodológica que demonstra eficácia na educação de alunos surdos.

Esta metodologia foi denominada como Bilinguismo, onde o aluno surdo terá acesso aos conteúdos escolares nas duas línguas as quais está imerso socialmente: a Libras como sua L1 e a Língua Portuguesa como L2. Através da qual nenhuma das duas línguas deverá anular ou se sobressair à outra, visto que nesta metodologia ambas irão servir de auxílio uma à outra, quando assim for necessário.

O Bilinguismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser Bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como Segunda língua, a língua oficial de seu país (...) os autores ligados ao Bilinguismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da Comunicação Total. Para os bilinguistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez. (GOLDFELD, 1997, p. 38, adaptado).

No caso específico do ensino da Língua Espanhola como Língua Adicional na modalidade escrita para o aluno surdo, o Bilinguismo será de fundamental importância por permitir que a língua natural do aluno surdo permaneça no processo de Ensino e Aprendizagem, diferentemente do que ocorreu no oralismo, o que certamente motivará o aluno neste processo, porque o reconhecerá a partir de sua língua e cultura, tornando menos complexo o reconhecimento da cultura e da língua meta, o Espanhol.

O Bilinguismo possibilitará também ao aluno surdo a comparação da modalidade escrita entre as Línguas Adicionais, Língua Portuguesa e a Língua Espanhola, que serão melhores desenvolvidas com o auxílio da Libras.

4 METODOLOGIA

Este trabalho desenvolveu-se a partir da metodologia exploratória, que de acordo com os autores Prodanov e Freitas, definem que

Pesquisa exploratória é quando a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso. (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 51-52).

Utilizamos a forma de pesquisa bibliográfica para o levantamento dos dados acerca da temática trabalhada. De modo a obter um reconhecimento mais amplo da temática da educação de surdos e as possibilidades de Ensino e Aprendizagem de línguas adicionais/estrangeiras por estes indivíduos, fizemos uma pesquisa dos textos e autores de referência quanto à temática proposta.

Dentre eles estão Quadros (2008), Gesser (2009), Dorziat (1997), Honora e Frizanco (2009), Pereira (2012), além de documentos oficiais que reconhecem a Libras como língua natural e fundamental ao desenvolvimento do sujeito surdo.

Após o reconhecimento da cultura surda e do longo e complicado processo de educação desses indivíduos, buscamos fazer uma relação do ensino da língua espanhola na modalidade escrita, como língua adicional para os alunos surdos do ensino médio, a qual possibilitou a construção da proposta didática, que futuramente poderá ser aplicada na prática docente.

A organização de proposta de ensino bilíngue (Libras e Espanhol) deve atender a especificidade do ensino e aprendizagem da Língua Espanhola como LA por alunos surdos, estando, portanto, estruturada da seguinte maneira: a utilização de recursos visuais acompanhada das palavras em língua espanhola para o aprendizado e desenvolvimento do vocabulário; e a sistematização de cores variadas para a exposição, reconhecimento e identificação do conteúdo gramatical, afim de facilitar a compreensão do conteúdo por estes alunos.

5 PROPOSTA DE ENSINO BILÍNGUE DO ESPANHOL COMO LÍNGUA ADICIONAL PARA ALUNOS SURDOS DA REDE PÚBLICA

O ensino de espanhol para alunos surdos acontecerá na modalidade escrita, levando em consideração a não obrigatoriedade da oralização, pois o surdo é usuário da modalidade

viso-espacial, sendo assim, no local desta oralização, poderia ser ensinado a língua de sinais de um dos 21 países hispânicos. Contudo, como já citado, não realizaremos essa prática devido ao não uso de qualquer língua de sinais dos países hispânicos aqui no Brasil.

Desta forma, o ensino da língua espanhola, será mediado pela Libras, com recursos visuais, os quais irão atender as necessidades do aluno surdo com relação ao processo de ensino e aprendizagem.


As atividades que facilitam este processo de ensino e aprendizagem são o uso de recursos visuais, sendo estes imagens e/ou sinais em Libras, podendo assim constituir um signo linguístico, no qual o aluno surdo terá um referencial, seja através da imagem ou do sinal equivalente em Libras, e a grafia da palavra em espanhol, exemplificaremos aqui com um vocabulário básico.

5.1 O ensino de vocabulários

Para o ensino do vocabulário das cores, apresentamos a palavra em espanhol e a imagem referente à cor, neste caso, é dispensável a utilização do português, pois ao reconhecer o respectivo sinal e assimilar com a escrita em espanhol, o aluno surdo compreenderá que são equivalentes, sinal e palavra em espanhol, efetivando desta maneira o aprendizado da modalidade escrita da língua espanhola.

Imagem 2 – As Cores

Los colores

	Rojo
	Amarillo
	Azul
	Morado
	Negro
	Blanco
	Verde
	Naranja

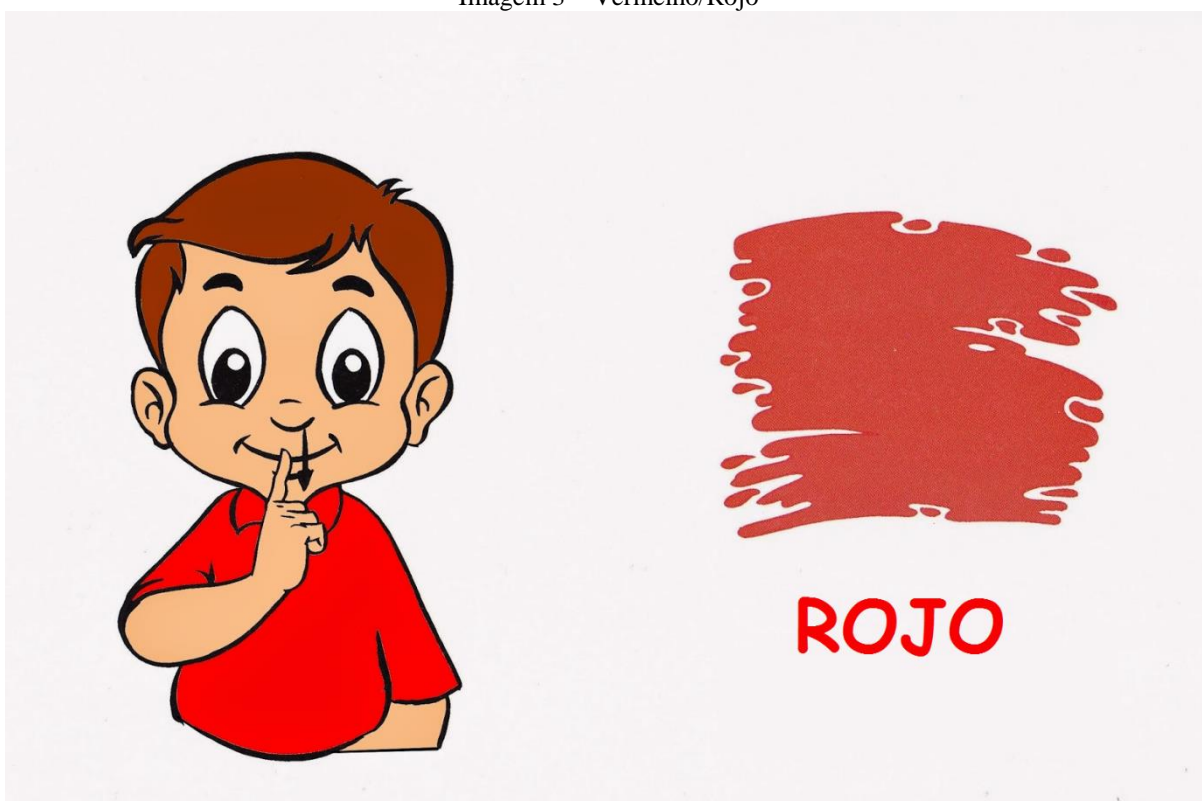
FONTE: Os Autores

Podemos observar na imagem 2, a construção de uma tabela de cores e seus respectivos significantes na língua espanhola, que é a língua meta do aluno surdo. Com esta metodologia, o aluno surdo poderá relacionar o conceito (significado) à cor (significante). Acreditamos que

desta maneira, através deste estímulo visual o processo de reconhecimento das palavras na língua espanhola pelo aluno surdo poderá ser enriquecido, tendo em vista a modalidade viso – espacial à qual pertence.

A tabela apresentada na imagem 2 exige que o professor sinalize a referida cor, porém podemos deixar que livre que o próprio aluno estabeleça essa relação ao comparar a palavra apresentada em espanhol com a imagem do sinal em sua língua primeira, a Libras, de modo com que o aprendizado de conceitos deverá efetuar-se com maior facilidade, como apresentamos na imagem 3.

Imagem 3 – Vermelho/Rojo



Fonte: Adaptado do blog Libras em ação⁵

É importante frisar que este é apenas um exemplo de como podemos utilizar este método com a utilização de imagens acompanhadas da palavra em língua espanhola para o ensino de vocábulos na língua adicional, podendo utilizar outro conjunto de vocábulos, a exemplo família, comida, números, etc. Neste pensar basta colocar no local da cor, a imagem (significante) do que está se referindo o sinal (significante).

⁵ Disponível em: < <http://emacaolibras.blogspot.com.br/2014/05/cores-em-libras.html>>.

5.2 O ensino gramatical

Abordaremos agora o ensino das classes gramaticais, na qual utilizamos um esquema de cores diferentes para cada classe, com a finalidade de facilitar o processo de aprendizado, permitindo ao aluno surdo reconhecer e compreender que cada parte da frase que possui uma determinada cor, é referente a uma classe gramatical, como pode ser visto no exemplo a seguir:

Pronomes Pessoais = Pronombres Personales

Yo = Eu

Tú = Tu

Él/Ella/Usted = Ele/Ela/ Sr./Sra.

Nosotros/Nosotras = Nós

Vosotros/Vosotras = Vós

Ellos/Ellas/Ustedes = Eles/Elas/Srs./Sras.

Sistema para diferenciar as classes gramaticais, utilizando cores diferentes

Sujeito + **Verbo** + **Complemento/Objeto** (Tradução)

Yo como **una manzana** (Eu como uma maçã)

Tú eres **guapo** (Tu és bonito)

Él vive **en Brasil** (Ele mora no Brasil)

Nosotros estudiamos **español** (Nós estudamos espanhol)

¡Vosotros estáis **retrasados!** (Vós estais atrasados)

Ellas son **maestras de Libras** (Elas são professoras de Libras)

A partir do exemplo apresentado no quadro acima, temos como proposta fazer com que o aluno surdo possa, a princípio, identificar as classes gramaticais através de suas respectivas cores, sendo em vermelho o pronome pessoal, que representa o sujeito da oração, a ação do sujeito (verbo) se encontra em verde e o complemento ou o objeto em azul. Esta estrutura será explicada em Libras e caso necessário, auxiliada pelo português em sua modalidade escrita.

Com base na proposta supracitada, acreditamos que a partir da utilização de recursos que reafirmem a modalidade à qual estes alunos pertencem, viso-espacial, haverá uma motivação por parte destes alunos, o que tornará o processo de interação, entre professor e alunos surdos, mais dinâmico e a aprendizagem da língua espanhola menos complicada.

Sabemos que na estrutura gramatical da Libras geralmente não há alguns conectivos e preposições, o que de certa forma poderia contribuir para explicação mais complexa dessas categorias gramaticais presentes na língua espanhola. Como proposta metodológica para esta problemática, o professor de língua espanhola tomaria a Libras para fazer explicações sobre este assunto, usando a língua portuguesa como exemplo e fazendo as devidas comparações, afim de tentar sanar esta dificuldade.

Esta proposta metodológica está pensada para o ensino do espanhol como língua adicional em sua modalidade escrita, certamente pode ser aplicada para o ensino e aprendizagem de outras línguas estrangeiras, por certo que em sua modalidade escrita.

6 CONCLUSÕES

De fato, o indivíduo surdo já vivenciou muitos desafios apenas pela sua surdez, pois, convive em uma sociedade que não sabe como deveras incluí-lo. No que diz respeito à sua educação, pudemos ver que o processo não foi agradável e deixou marcas que perduram até os dias atuais. Felizmente, após longos períodos de total exclusão do meio social e até do direito à educação, o surdo teve a sua língua de sinais e sua cultura reconhecidas pelas instituições, o que trouxe à luz diversos estudos na área, possibilitando a estes indivíduos o desenvolvimento intelectual e social. De igual maneira que em outros grupos sociais, a educação de surdos ocorreu através de um processo, que percorreu pelas três filosofias de ensino: o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo.

Certamente se o sujeito surdo é capaz de aprender a língua majoritária, na modalidade escrita, de sua comunidade, então acreditamos que este seja capaz de aprender uma língua adicional, além daquela oriunda de seu país. E a partir da pesquisa bibliográfica já aqui apresentada, comparando os textos de alguns autores da área, pudemos chegar a esta proposta de ensino bilíngue da língua espanhola na modalidade escrita como LA.

Com base no bilinguismo, desenvolvemos esta proposta de ensino da língua espanhola na modalidade escrita como língua adicional, que atendesse às necessidades de comunicação do aluno, buscando sempre respeitar as suas características enquanto indivíduo e aluno surdo.

Observamos nesta proposta a importância e as possibilidades que o bilinguismo nos proporciona para a realização deste processo de ensino e aprendizagem da língua espanhola como LA para o aluno surdo, primeiro por reconhecer a língua e cultura surda ao utilizar os recursos necessários (visuais) para o desenvolvimento intelectual deste indivíduo e, segundo por permitir que este indivíduo se reconheça e se afirme enquanto surdo, diferente das propostas do oralismo e da comunicação total que negam integral ou parcialmente ao sujeito surdo, sua

língua e cultura. Percebemos além disso, que apesar dos avanços nos estudos teóricos na área da educação de surdos, da lei que reconhece a Libras como língua primeira do surdo e segunda língua oficial do Brasil, além do decreto que regulamenta a lei supracitada, as instituições, em todos os seus níveis de ensino, ainda não são de fato inclusivas, mas sim integradoras.

Compreendemos então, que a corrente filosófica do bilinguismo apresenta uma melhor metodologia de ensino para alunos surdos nas aulas de língua espanhola, tendo em vista que nesta abordagem a língua primeira do aluno surdo não é rechaçada ou sofre interferência, já que serve como base para o aprendizado da língua adicional.

Ressaltamos ainda, que esta é uma proposta inicial, que posteriormente poderá ser melhor desenvolvida, levando em consideração a realidade dos cursos de formação de professores de língua espanhola e suas especificidades com relação à uma educação inclusiva.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005** — Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm>. Acesso em 16 de novembro de 2017.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002** — Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em 16 de novembro de 2017.

DORZIAT, A. **Metodologias específicas ao ensino de surdos: análise crítica**. Revista Integração, nº 18, 1997.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

PEREIRA, M. C. C.P. **Concepções de leitura e escrita na educação de surdos**. In: LODI, A.C.B.; MELO, A.D.B.; FERNANDES, E. (Org.). Letramento, bilinguismo e educação de surdos. Porto Alegre: Editora Mediação, 2012.

PINA, M. R. A. **A realidade do aluno surdo na aula de língua espanhola como língua estrangeira (E/LE)**. In: CONGRESSO BRASILEIRO MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO ESPECIAL, 7, 2013, Londrina. Anais... Londrina, 2013.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. D. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª. ed. Novo Hamburgo: Universiade Freevale, 2013.

QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre, 2008.